

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2015

Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2013 por Kiera Cass
Todos os direitos reservados

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito, exceto no caso de breves citações incluídas em artigos críticos e resenhas

Título original: *The Elite*

Título: *A Elite*

Autora: Kiera Cass

Tradução: Alexandra Cardoso

Revisão: Paula Caetano

Paginação: Maria João Gomes

Arte de capa original: Gustavo Marx/Mergeleft Repts, Inc.

Design de capa original: Sarah Hoy

Arranjo de capa: Bruno Rodrigues/Marcador

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-144-5

Depósito legal: 391 388/15

1.^a edição: maio de 2015

Chamem os criados! A rainha acordou!

Capítulo 1

Atmosfera em Angeles estava calma e permaneci imóvel durante algum tempo, ouvindo o som da respiração do Maxon. Estava a tornar-se cada vez mais difícil apanhá-lo num momento verdadeiramente calmo e feliz e aproveitei profundamente aqueles minutos, grata por ele parecer estar no seu melhor quando estávamos a sós.

Desde que a Seleção ficara reduzida a apenas seis raparigas, ele andava mais ansioso do que quando inicialmente chegara o grupo de trinta e cinco. Acho que pensou que teria mais tempo para fazer as suas escolhas. E, embora eu ficasse com um peso na consciência por admiti-lo, sei que era por minha causa que ele se sentia assim.

O Príncipe Maxon, o herdeiro do trono de Illéa, gostava de mim. Dissera-me na semana anterior que, se eu conseguisse simplesmente dizer que sentia afeto por ele, tal como ele sentia por mim, sem nenhuma reserva, toda esta competição estaria terminada. Por vezes, eu brincava com a ideia, imaginando como seria pertencer apenas ao Maxon.

Mas o problema era que o Maxon não me pertencia de facto. Havia mais cinco raparigas, raparigas com quem ele se encontrava e a quem sussurrava coisas, e eu não sabia o que pensar disso. E havia ainda o facto de que se aceitasse o Maxon, isso significaria aceitar

uma coroa, um pensamento que eu tinha tendência para ignorar, apenas porque não sabia ao certo o que isso implicaria para mim...

E, claro, havia o Aspen.

Na verdade, ele já não era meu namorado. Terminara tudo comigo antes mesmo de o meu nome ser sorteado para a Seleção. Mas quando apareceu no palácio como um dos guardas, o meu coração foi inundado por todos os sentimentos que eu tentara deixar para trás. O Aspen fora o meu primeiro amor; quando olhava para ele... eu pertencia-lhe.

O Maxon não sabia que o Aspen estava no palácio, mas sabia que havia alguém na minha província que eu procurava esquecer e estava, gentilmente, a dar-me tempo para ultrapassar a situação, ao mesmo tempo que tentava encontrar outra pessoa com quem pudesse ser feliz, caso eu nunca conseguisse amá-lo.

Quando ele moveu a cabeça, inspirando por cima dos meus cabelos, considerei a hipótese: como seria amar simplesmente o Maxon?

– Sabes quando foi a última vez que olhei realmente para as estrelas? – perguntou.

Aninhei-me mais perto dele em cima do cobertor, tentando manter-me quente na noite fria de Angeles.

– Não faço ideia.

– Um tutor pôs-me estudar astronomia há alguns anos. Se olharmos com atenção, vemos que as estrelas têm cores diferentes.

– Espera. A última vez que olhaste para as estrelas foi para as *estudar*? E que tal por diversão?

O Maxon riu-se.

– Diversão. Vou ter de marcar alguma entre as negociações do orçamento e as reuniões do comité de infraestruturas. Ah, e a definição da estratégia militar, na qual, aliás, sou péssimo.

– E em que mais és péssimo? – perguntei, fazendo deslizar a minha mão pela sua camisa engomada. Encorajado pelo toque, o Maxon desenhcou pequenos círculos no meu ombro com a mão que colocara em volta das minhas costas.

– Porque queres saber isso? – perguntou, fingindo irritação.

– Porque ainda sei muito pouco sobre ti. E tu pareces ser a perfeição constante. É bom ter uma prova do contrário.

Ele soergueu-se apoiado num cotovelo e encarou-me.

– Tu *sabes* que não o sou.

– Mas és quase – retorqui. Tocávamo-nos ao de leve. Joelhos, braços, dedos.

Ele abanou a cabeça com um ligeiro sorriso nos lábios.

– Pronto, está bem. Não sou capaz de planejar guerras. Sou terrível nisso. E acho que seria um péssimo cozinheiro. Nunca tentei, por isso...

– Nunca?

– Talvez já tenhas reparado na multidão de pessoas que trabalham para te encher de bolos? Eles também me alimentam.

Soltei uma risadinha. Em casa, ajudava a preparar praticamente todas as refeições.

– Mais... – pedi. – Em que mais és terrível?

Ele apertou-me nos braços e os seus olhos castanhos brilharam, cheios de segredos.

– Descobri uma coisa recentemente...

– Conta.

– Descobri que sou um fracasso absoluto a ficar longe de ti. É um problema muito grave.

Sorri:

– Já tentaste realmente?

O Maxon fingiu pensar no assunto.

– Bem, não. E não esperes que comece a fazê-lo.

Rimo-nos baixinho, abraçados um ao outro. Nestes momentos, era tão fácil imaginar que isto poderia ser o resto da minha vida.

Ouvimos o som das folhas e da relva a serem pisadas, anunciando a chegada de alguém. Embora o nosso encontro fosse completamente aceitável, fiquei um pouco embaraçada e sentei-me rapidamente. O Maxon fez o mesmo assim que um guarda surgiu por trás da sebe, aproximando-se.

– Vossa Majestade... – disse ele, inclinando-se numa vénia.

– Peço perdão por interromper, mas não é prudente permanecer

no exterior durante tanto tempo a esta hora da noite. Os rebeldes podem...

– Compreendo – respondeu o Maxon, suspirando. – Vamos já para dentro.

O guarda deixou-nos e o Maxon virou-se para mim.

– Outra falha minha: estou a perder a paciência com os rebeldes. Estou cansado de lidar com eles.

Levantou-se e estendeu-me a mão. Peguei nela, vendo uma frustração pesarosa nos seus olhos. Tínhamos sido atacados duas vezes pelos rebeldes desde o início da Seleção, uma vez pelos simplesmente desordeiros Nortistas e outra pelos mortíferos Sulistas, e, mesmo com a minha curta experiência, conseguia compreender o seu cansaço.

O Maxon agarrou no cobertor e sacudiu-o, obviamente nada contente com o facto de a nossa noite ter sido interrompida.

– Ei! – disse eu, fazendo-o olhar para mim. – Eu diverti-me.

Ele assentiu com a cabeça.

– A sério – disse, aproximando-me dele. Ele pegou no cobertor com uma mão e pôs o braço livre em volta da minha cintura. – Temos de fazer isto novamente. Podes dizer-me quais as cores de cada estrela, porque eu realmente não consigo ver a diferença.

O Maxon ofereceu-me um sorriso triste.

– Às vezes, gostava que as coisas fossem mais fáceis, normais.

Virei-me para poder abraçá-lo e ele largou o cobertor para retribuir o gesto.

– Detesto ter de vos dizer isto, Vossa Majestade, mas mesmo sem os guardas estais bastante longe de ser normal.

O seu rosto descontraiu-se um pouco, mas permaneceu sério.

– Gostarias mais de mim se o fosse.

– Sei que tens dificuldade em acreditar, mas eu gosto realmente de ti tal como és. Só preciso de mais...

– Tempo. Eu sei. E estou preparado para to dar. Só gostava de ter a certeza de que vais mesmo querer estar comigo quando esse tempo chegar ao fim.

Desviei o olhar. Não era algo que eu pudesse prometer. Comparava constantemente o Maxon e o Aspen no meu coração, mas

nenhum deles sobressaía. A não ser, talvez, quando estava sozinha com um deles. Porque, naquele momento, sentia-me tentada a prometer ao Maxon que ficaria ao seu lado no final.

Mas não podia.

– Maxon – sussurrei, vendo como ele ficava desanimado com a minha falta de resposta. – Não posso dizer-te isso. Mas o que posso dizer-te é que *quero* estar aqui. *Quero* saber se existe uma hipótese para... para... – gaguejei, sem saber bem como me expressar.

– Nós? – alvitrou o Maxon.

Sorri, feliz por ele me compreender tão facilmente.

– Sim. Quero saber se existe uma hipótese de podermos ser um «nós».

Ele afastou uma madeixa dos meus cabelos para trás das minhas costas.

– Acho que as hipóteses são bastante elevadas – afirmou, realista.

– Também acho. Só que... tempo, está bem?

O Maxon fez que sim com a cabeça, parecendo mais satisfeito. Era assim que eu queria terminar a nossa noite, com esperança. Bem, e talvez com mais uma outra coisa. Mordi o lábio e inclinei-me para ele, pedindo com os olhos.

Sem qualquer hesitação, ele inclinou-se para me beijar. Foi cálido e terno e deixou-me com a sensação de ser adorada e, de certo modo, desejando mais. Seria capaz de ficar ali durante horas, só para ver se conseguia absorver completamente aquela sensação, mas o Maxon recuou, demasiado cedo.

– Vamos – disse ele em tom de brincadeira, puxando-me para o palácio. – É melhor entrarmos antes que os guardas venham à nossa procura, a cavalo e de lança em punho.

Assim que o Maxon me deixou nas escadas, o cansaço tomou conta de mim. Arrastei-me praticamente até ao segundo andar e virei a esquina a caminho do meu quarto quando, de repente, voltei a ficar completamente desperta.

– Oh! – disse o Aspen, também surpreendido por me ver. – Acho que devo ser o pior guarda do mundo por ter pensado que estavas no teu quarto este tempo todo.

Soltei um risinho. Na Elite éramos obrigadas a dormir com pelo menos uma das nossas aias de plantão durante a noite. Eu não gostava muito da ideia; por isso, o Maxon insistia em manter um guarda à minha porta, para o caso de haver uma emergência. O problema era que, na maioria das vezes, esse guarda era o Aspen. Eu sentia uma estranha mistura de excitação e terror por saber que ele estava mesmo ali, junto à minha porta, quase todas as noites.

A ligeireza do momento desvaneceu-se rapidamente, assim que o Aspen percebeu o significado de eu não estar sã e salva na minha cama. Ele pigarreou, tenso.

– Divertiste-te?

– Aspen... – sussurrei, olhando em volta para ter a certeza de que não havia ninguém por perto. – Não fiques aborrecido. Faça parte da Seleção e é assim que as coisas são.

– Como é que posso ter alguma hipótese, Mer? Como é que posso competir, se apenas falas com um de nós?

Ele tinha razão, mas o que podia eu fazer?

– Por favor, não fiques zangado comigo, Aspen. Estou a tentar resolver tudo isto.

– Não, Mer – disse ele, a ternura regressando à sua voz. – Não estou zangado contigo. Tenho *saudades* tuas.

Ele não ousou pronunciar as palavras, mas formou-as com os lábios: *Amo-te*.

Derreti-me.

– Eu sei – respondi, pousando-lhe uma mão no peito e esquecendo por um instante tudo o que estávamos a arriscar. – Só que isso não muda o lugar onde estamos nem o facto de eu pertencer agora à Elite. Preciso de tempo, Aspen.

Ele segurou a minha mão nas suas e assentiu com a cabeça.

– Posso dar-to. Mas... tenta encontrar também algum tempo para mim.

Eu não queria entrar em explicações sobre o quão difícil isso seria; por isso, limitei-me a sorrir-lhe ligeiramente antes de retirar suavemente a mão.

– Tenho de ir.

Ele ficou a olhar para mim enquanto eu me dirigia para o meu quarto e fechava a porta.

Tempo. Ultimamente, andava a pedi-lo bastante. Tinha esperança de que, se me dessem tempo, tudo iria resolver-se de alguma forma.